

## A PROPÓSITO DAS ARMAS ARREMESSADAS

### III

Cel. JOAO VICENTE SAYAO CARDOZO

#### Influência na guerra

Já se haviam passado quinze dias, quando apareceu novamente em casa o meu "velho camarada", para conversarmos a respeito das armas arremessadas.

— Que é isso? Tomaste indignação com a passada conversa?

— "Não meu caro, tenho andado muito atarefado: aumento de vencimentos, fim do ano de instrução, defesa do petróleo, festejos outubrunhos, reuniões, congressos, etc., etc. Não podes imaginar a dobadoura em que andei nesta última quinzena de outubro".

— Será que também não estás mais interessado pelos foguetes?

— "Não é isso, meu velho. Não tenho tempo materialmente para comparecer a tudo que é solenidade. Inaugurações, reinaugurações, discursos, mensagens e uma série ininterrupta de eventos, que mal deixam tempo para as coisas próximas da vida".

— Então vamos voltar às armas arremessadas, quando mais não seja, como derivativo para essa tua exuberante atividade intelectual.

— "Vamos deixar de ironias. Bem sabes que os discursos são feitos pelo Souza, dou-me apenas ao trabalho de lê-los e marcá-los, com as pausas e com os ns. 1, 2 e 3, indicando: ler descriptivamente, ler emocionado ou ler exaltado".

— Olha que isso já é muito. Há muita gente que nem isso faz para se exhibir em público.

— "Deixemos de lado esse veneno e voltemos à "vaca fria".

— "Muito bem, hoje vamos encarar o problema do emprêgo dessas armas na guerra.

— "Que guerra? a passada?... ou a que parece estar por pouco?"

— Naturalmente na guerra futura, ou antes, no primeiro conflito armado que se apresentar... O que interessa da passada são apenas os fatos susceptíveis de influenciar para o futuro. Esse negócio de guerras do passado fica para os historiadores e para o pessoal que anda de costas.

— "Andar de costas?... o que é isso?"

— Chamo assim, essa gente que se apega ao visto e ao vivido, sem compreender que na evolução do mundo, os eventos jamais se repetem. Isso, também quer dizer que vamos estudar rapidamente as conseqüências dessas armas evoluídas, na guerra futura, sem nos agarrarmos aos rojões de 2.35, de 3.25, de 4.5, de 5.0, de 7.2 ou de 8.0 polegadas. Se quiseres saber as características desses rojões, aconselho-te a que busques os manuais técnicos já publicados desde 1945 (série TM9).

— "Mas... nem ao menos vais dar uma ligeira idéia das "perfôr-

mances" dêsse rojões?"

— Darei sim, mais adiante, quando fixar dados básicos. Aquil vamos tratar apenas de estabelecer o quadro.

— "Estou gostando, segundo parece toquei num ponto que te fêz vibrar de entusiasmo".

— Exatamente. A única coisa que me faz vibrar é a repulsa aos hábitos rotineiros e a mentalidade de arquivo. Mas vamos adiante.

Quando terminou a guerra de 1914-1918, houve uma grande tumultuosidade nas predições para a futura guerra: sôbre a aviação, sôbre os carros blindados e sôbre os gases.

— "E tinham razão, porque a guerra de 1939-1945 ultrapassou de muito tudo que se podia prever. Não achas que houve surpresa?"

— "Modus in rebus". Nós o fomos. Mas na realidade, os povos surpreendidos o foram por sua própria culpa, salvo talvez o japonês com a bomba atômica.

Lembras-te quando Winston Churchill foi valado nos comuns, porque predisse os efeitos da aviação e pediu crédito para a R.A.F.?

— "Lembro-me muito bem. Se me não engano, por causa disso deixou até de ser reeleito".

— Exatamente. Lembras-te também do livro que o General De Gaulle escreveu sôbre a arma blindada, quando ainda era Major?

— "Sim e também me recordei que o Major De Gaulle foi prêso, porque estava pretendendo criticar o pensamento oficial das altas autoridades militares francesas".

— Portanto, tanto os ingleses, como os franceses, foram surpreendidos porque quiseram. Das armas que se falavam então, a única que não foi empregada conforme a predição foram os gases.

— "Bem e isso mesmo, porque nesse particular, parece que os adiantamentos não haviam chegado ao ponto desejado, ou porque os outros possuíam também uma grande quantidade".

— Exatamente. Nós também fizemos alguns progressos, mas foram tão lentos que, quando chegou a guerra de 1939, nos encontrou ainda

usando os figurinos de 1914-1918, e, o que é mais sério, com armamentos absolutamente obsoletos. Bem sei o que vais dizer: "não tínhamos disponibilidades econômicas para adquirir coisa mais moderna". Não é isso?

— "Não, não direi isso. Foi por assim não pensar que ao tratarmos pela primeira vez dêste assunto abordei a questão de realizações que se tornam inoportunas".

— Estou lembrando essas passagens, porque ultimamente se tem falado muito em fabricarmos nós mesmos as nossas armas, conuinido, portanto, que não enveredemos pelo caminho dos gastos, sem primeira escolher judiciosamente a direção.

— "Mesmo porque, agora o princípio que governa os armamentos é: *dois lustros de paz ou dois anos de guerra, tornam obsoleto o melhor armamento do mundo*".

— Vejamos, então, quais foram os armamentos utilizados na última guerra, susceptíveis de evolução e capazes de trazer sensíveis perturbações ao caráter da guerra?

— "Bem, depois de tudo que temos conversado, incontestavelmente as primeiras a considerar são as armas arremessadas. Não é esta a conclusão a que querias chegar?"

— Mas... não penses que estou forçando o raciocínio para chegar a essa conclusão. Não!

Na guerra passada a cavalaria desapareceu, foi apeada e obrigada a combater como infantaria. Os seus componentes não se conformaram e logo que apareceram os carros se apoderaram da arma blindada, sob a alegação de que não era o cavalo que caracterizava a arma e, sim, o espírito aventureiro e a missão. A infantaria procurou acrescentar, aos seus armamentos, os elementos necessários a se bastar no combate. A aviação tornou-se um dos três ramos das forças armadas, passando a ser senhora das ares como os exércitos das terras e as marinhas dos mares. A engenharia fêz-se ainda mais complexa e mais técnica. A nossa arma, artilharia, ao contrário, vem ficando com o seu campo reduzido pelas

modificações so guerra.

— "Não vejo. Continuamos a ser poderosos, e a destruír antes mentos mais fo milga".

— Sim, m guerra de 14-18 em artilharia, fantaria, como

— "Lembro- porque foi c aprendi, quand Tática Geral n não falha a m grupos, conform posição inimiga

— Muito ber D.I. dispunha artilharia leve. grupos dessa n para os mesmos

— "Sômente

— E isto não cada dia que se potência (antes hoje é de 105) duas característ "puchar parelh gauchos. Duran a crise se torno foram criados tróier", os qual anos de guerra tipos diferentes que foram do mesmo o probl solvido.

— "Então me fazer com as a o que os cavale a arma blindada conta delas, já c incontestávelme realizar os fogo

— Pois, foi iso preconizei na m bom saber, não a idéia. Já leste geral John I. E blicado na "Mil bre: "As armas futura guerra"?

— "Não, raram vista. Quem é

— É o Diretor te falei, em For É a maior auto

modificações sofridas no caráter da guerra.

— "Não vejo onde está a redução. Continuamos a ser a arma dos fogos poderosos, a apoiar a infantaria e a destruir antes do ataque os elementos mais fortes da defesa inimiga".

— Sim, mas lembras-te, na guerra de 14-18, do que necessitava em artilharia, um batalhão de infantaria, como apoio, para atacar?

— "Lembro-me muito bem, porque foi contigo mesmo que aprendi, quando eras instrutor de Tática Geral na E.E.M., se me não falha a memória de 1 a 3 grupos, conforme a organização da posição inimiga e o terreno".

— Muito bem, e nesse tempo a D.I. dispunha de seis grupos de artilharia leve. Agora quantos grupos dessa natureza tem a D.I. para os mesmos 3 R.I.?

— "Somente três".

— E isto não é nada, meu caro, cada dia que se passa se pede maior potência (antes o apoio era de 75, hoje é de 105) e maior mobilidade, duas características que não podem "puchar parelho", como dizem os gauchos. Durante a última guerra, a crise se tornou tão intensa que foram criados os "tanques destróier", os quais em menos de dois anos de guerra apresentaram 15 tipos diferentes, usando canhões que foram do 37 ao 105. Assim mesmo o problema não ficou resolvido.

— "Então meu velho, vamos fazer com as armas arremessadas e que os cavalarianos fizeram com a arma blindada, vamos tomar conta delas, já que essas armas são incontestavelmente as que podem matar os fogos mais poderosos".

— Pois, foi isso exatamente o que preconizei na minha palestra e, é bom saber, não sou o pioneiro dessa ideia. Já leste um artigo do General John I. Homer que foi publicado na "Military Review", sobre: "As armas arremessadas e a futura guerra"?

— "Não, raramente leio essa revista. Quem é esse General?"

— É o Diretor do Centro de que te falei, em Fort Bliss no Texas. É a maior autoridade do Exército

Norte-americano no concernente às armas arremessadas e antiaéreas.

— "Por falar em antiaérea, aí está outro ramo da nossa arma que teve grande desenvolvimento nesta guerra".

— Sim, não resta dúvida, mas... em contraposição, a artilharia pesada teve desenvolvimento quase nulo em seis anos de guerra e... morreu definitivamente a artilharia de costa depois dos desembarques da "Normândia" e de "Okinawa".

— "Bem, isso é lá para os Norte-americanos, ingleses, russos e franceses, mas para nós aqui na América do Sul, ainda podemos continuar nessa toada e ensinar artilharia de costa por uns vinte anos mais".

— Eu sei que este é o pensamento de muita gente, mas meu caro, pensas por acaso que no mundo atual ainda se podem fazer essas "guerrinhas particulares"? Hoje quem quer fazer desembarques, faz em locais não fortificados, ou então, se os silencia com a arma aérea.

— "Bem mas quem é que tem arma aérea aqui na América do Sul para silenciar as nossas fortificações?"

— Qualquer um que possa adquirir ou fabricar mesmo, aviões obsoletos do tipo B 17 e B 24. As nossas fortalezas estão a menos de quatro horas de voo de vários territórios estrangeiros. Mas voltemos às nossas armas arremessadas.

— "Sim, porque hoje só me explicaste que são as armas mais susceptíveis de grandes desenvolvimentos e capazes de trazer modificações no caráter da guerra".

— Não foi só isso, recordamos princípios fundamentais que se não pode desprezar quando se tratar do emprego tático de novas armas. "Uma guerra, potencialmente, pode ser iniciada com um ataque em massa de armas arremessadas de grande alcance".

— "Como assim?"

— Sim meu velho, os aliados apreenderam na Peenemund alemã, desenhos para V<sub>2</sub> com alcances da ordem de 3.000 milhas. Os alemães não tiveram tempo de realizá-las,

do contrário as cidades costeiras dos Estados Unidos teriam sentido os seus efeitos.

— "Para o nosso caso também?"

— Que queres dizer com o nosso caso?

— "Retiro-me às nossas "guerrinhas particulares".

— Porque não? Os ingleses andaram oferecendo fábricas de motor a jato para vender. Se me não falha a memória, tivemos até um exemplar exposto na nossa Escola Nacional de Engenharia. Um motor a jato e uma bomba qualquer, formam uma arma arremessada do tipo V<sub>1</sub> ou V<sub>2</sub>. Qualquer país, mesmo com indústria incipiente e alguns técnicos, pode experimentar e estudar tipos de armas arremessadas, que, embora de inferior qualidade e pouco evoluídas, contra nós que nem sabemos o que isto é, serão de efeito material e, principalmente moral, terríveis.

— "Será que estás me pretendendo assustar?"

— Não é bem isso. Não te quero assustar, mas desejo fazer com que sintas o quanto é sério este problema. Essas armas, talvez as mais poderosas até agora empregadas, atiradas contra pontos bem escolhidos, podem destruir o potencial industrial de uma nação. A razão de serem as mais poderosas, é que nada impede de levar na testa uma bomba atômica. Além disso, até agora, os meios de defesa contra as armas arremessadas desse tipo estão em estágio muito rudimentar.

— "Isso de bomba atômica, também não está ao alcance das nossas "guerrinhas particulares", como chamaste a pouco, mas o que me dizes a respeito dos meios de defesa; dá que pensar".

— Nesse assunto de fazer pensar, vou te citar um trecho do General Homer, que certamente exige meditação, tais os profundos conceitos que encerra:

— "Somente as nações ricas, fortes industrialmente e que possuam larga visão de como utilizar a sua riqueza, podem competir com sucesso. O custo da aparelhagem para o estudo, pesquisa e experimentação é necessariamente muito

grande. Muito poucos países podem dispendêr tão largas quantias durante longo tempo. As nações pequenas e pobres industrialmente podem, apenas, aspirar não estar entre o agressor e o agredido, ou serem suficientemente felizes por estar do lado do vencedor, ou então, resignarem-se à fatalidade de sua posição geográfica".

— "Realmente isto dá que pensar, particularmente porque somos pobres industrialmente, mas também temos o consolo de sermos tão grandes geograficamente que não poderemos ficar entre o agressor e o agredido. Não achas?"

— Sim, mas teremos que nos resignar à posição geográfica. Há quem afirme que vai acontecer com a bomba atômica o mesmo que com os gases na guerra passada, não haverá emprego com medo das represálias. Mas esse argumento é falho porque o tremendo poder destruidor dessa bomba e a duração dos seus efeitos, tornam a represália completamente alatória. O aniquilamento que se segue é tal, que nem um povo fanático, com preparação moral e psicológica secular, conseguia resistir.

— "Muito bem, mas voltemos às armas arremessadas".

— Voltarei a considerações dessa natureza quando tratarmos do emprego ofensivo e defensivo dessas armas. Uma arma nova geralmente apresenta um dos três progressos seguintes:

— acresce o alcance das armas precedentes;

— aumenta o poder destruidor com maior grau de precisão ou com maior efeito;

— finalmente, paralisa ou diminua as possibilidades de eficiência das medidas de contra resposta e de defesa.

— "A qual desses aspectos respondem as armas arremessadas?"

— A todos três. Ao primeiro vimos quando nos referimos ao que podem ser as V<sub>2</sub> evoluídas. Se compararmos a carga de uma bomba de foguete com os projéteis de artilharia de calibre correspondente veremos que estes têm um rendi-

mento muito r  
dos foguetes de  
rece não ser um  
mente resolvido  
adiante como se  
tudos nesse part  
terceiro aspecto  
de lado a bom  
testavelmente os

Artilharia de

Atestado de

Aspecto Ge

Travass

A compreens

Manual do  
Ruy San

Manual do S

Legislação M

Manual da s

Instrução de

Impressão d  
Cel. J. B.

mento muito menor. A precisão dos foguetes de grande alcance parece não ser um problema integralmente resolvido, veremos mais adiante como se processam os estudos nesse particular. Quanto ao terceiro aspecto, mesmo deixando de lado a bomba atômica, incontestavelmente os foguetes V<sub>2</sub> põem

em cheque todos os meios de defesa até hoje conhecidos. Também voltaremos a esse aspecto mais adiante.

— "Bem, meu caro, por hoje já tenho muita coisa para pensar. Vamos ficar por aqui".

— Até breve.

(Continua)

## LIVROS A VENDA:

	Cr\$
Artilharia de Dorso — Cap. Octávio Alves Velho..	16,00
* * *	
Atestado de origem — Cel. Marques Porto.....	3,00
* * *	
Aspecto Geográfico Sul-Americano — Gen. Mário Travassos.....	5,00
* * *	
A compreensão da guerra — Cel. J. B. Magalhães	30,00
* * *	
Manual do Candidato a Reservista — Ten.-Cel. Ruy Santiago.....	21,00
* * *	
Manual do Soldado de Engenharia.....	5,00
* * *	
Legislação Militar — Cap. Danie Toscano de Brito	12,00
* * *	
Manual da socorrista de guerra — Raul Briquet...	20,00
* * *	
Instrução de Transmissões — Cel. Lima Figueiredo	16,00
* * *	
Impressão de estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Magalhães.....	5,00